

B

N.º 132.567
R.º

DISCURSO APOLOGETICO
SOBRE A VISÃO
DO
Indo e Ganges

NO CANTO IV
DOS
LUSIADAS

POR
JOÃO FRANCO BARRETO

dado á estampa

POR
Antonio Francisco Barata
(Da Bibliotheca d'Evora)



EVORA
TYP. EBORENSE DE F. C. BRAVO
Travessa da Mangalaça, 7

1895

Felipe dos Santos

ÉVORA TEL. 2269

1975

13
132.567

DÍCURSO APOLOGETICO
SOBRE A VISÃO
DO
Indo e Ganges

NO CANTO IV
DOS
LUSIADAS

POR
JOÃO FRANCO BARRETO

dado á estampa

POR
Antonio Francisco Barata
(Da Bibliotheca d'Evora)



-5. MAR. 1979

OFERTA

EVORA
TYP. EBORENSE DE F. C. BRAVO
Travessa da Mangalça, 7

1895

TIRAGEM — 150 EXEMPLARES

N.º 5

AO

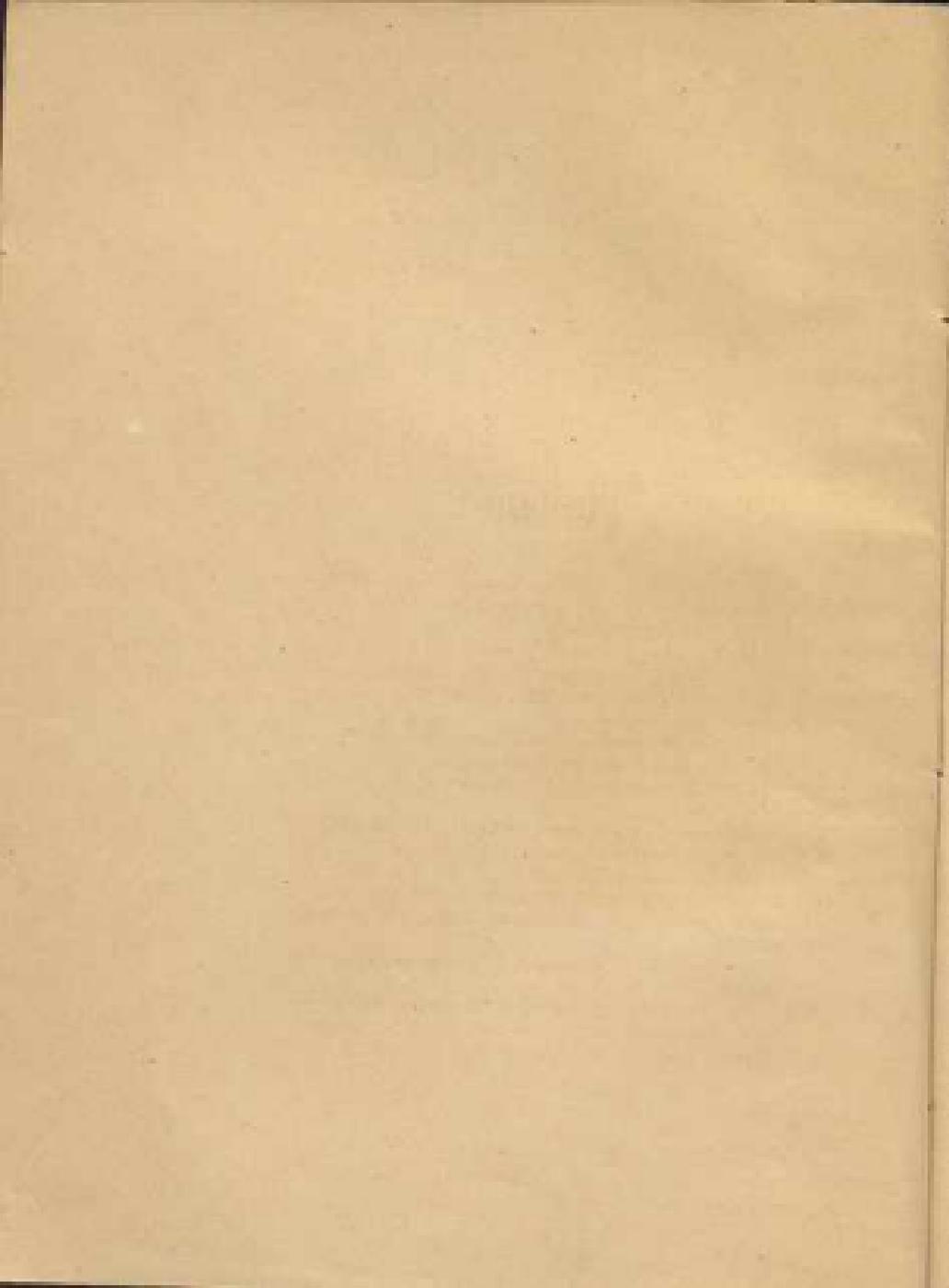
Excellentissimo Senhor

Visconde da Esperança

possuidor do original

Off.

A. F. B.



PROLOGO

Tem os livros, como o homem, o seu destino, um fadario a cumprir, embora não sejam d'este aviso alguns pensadores.

Maltratados do tempo e dos homens, uns e outros andam á mercê dos vaivens do destino, que para uns é carinhoso e para outros padraço amarrissimo.

Jogado aos baldões o *Discurso* de João Franco Barreto, depois de perdido por quasi um seculo, appareceu mutilado, cego em partes, em deploravel estado.

Andando a catalogar a vasta livraria do sr. Visconde da Esperança, na sua Quinta da Manisola, a tres kilometros d'Evora, succedeu que, entrando nos manuscriptos, se me deparou um, de pura letra do seculo xvii, dilacerado, cego, em pessimo estado.

Analysando-o, verifiquei ser um original. De quem?

No fim d'elle, por letra do chamado antiquario José Lopes de Mira, li o seguinte: *Seu Author Manoel Pires d'Almeida, grande humanista; foy*

natural d'Evora, aonde se achou este Ms. que he original

Comecei de ler o *Discurso* e para logo me convenci da inexactidão da affirmativa.

Não era um escripto de Pires d'Almeida; mas contra um trabalho d'elle, em menoscabo de Camões, que se intitulára: *Juizo critico etc.*

«Promettemos responder ao Juizo critico (assim lhe chama seu auctor) que o Licenciado Manoel Pires d'Almeida com pouca consideração fez sobre a visão do Indo e Ganges altissimamente representada em o canto quarto dos *Lusiadas*. . .»

Fui lendo, á cata do nome do auctor, ou de algum esclarecimento que m'o accusasse, até que topei estas palavras: «o que muito primeiro observei na traducção deste poeta (Virgilio) que ha muitos annos comecei e agora continuo, dizendo assim:

«Em umas rochas onde o mar rebenta
cobertas delle então, a que o piloto
Italo, chama altares, atormenta
Tres náos horriavelmente o irado Noto.»

Apparecera o fio. Tinha eu lido todas as traducções portuguezas da *Eneida*, e para logo me lembrei de Franco Barreto, pela rasão chronologica, que vem no fim: *Faciebat conimbricæ. 1639.*

Eu não conhecia este trabalho do traductor da *Eneida*.

Barbosa Machado logo me affirmou que João Franco Barreto deixára manuscripto o *Discurso*.

A Bibliotheca d'Evora não o tinha.

Seria inedito? Esclareceu-me o meu amigo sr. Annibal Fernandes Thomaz, enviando-me da Louzã o *Anuario da Sociedade Nacional Camoniana do Porto*, em 1881, onde vem publicado de paginas 176 a 220.

Apenas tomei conhecimento de que a copia do *Discurso*, existente na Bibliotheca do Porto, por onde se fizera a impressão, era de José Lopes de

Mira, comecei o confronto. Não se imagina o meu assombro ao ver tanta ignorancia!

Exagerando mui pouco, pode-se dizer que são mais os erros do que os acertos! E comtudo, a letra não é má, sem embargo das abreviaturas, e das linguas em que se fazem varias citações.

O homem que affirmava no fim do original que este era um manuscripto d'Almeida, quando é contra elle, mostrava-se-me a toda a luz.

Lembrei então um juizo que d'elle fizera J. H. da Cunha Rivara, em resposta a uma carta do Visconde de Juromenha, e procurei o. Diz assim:

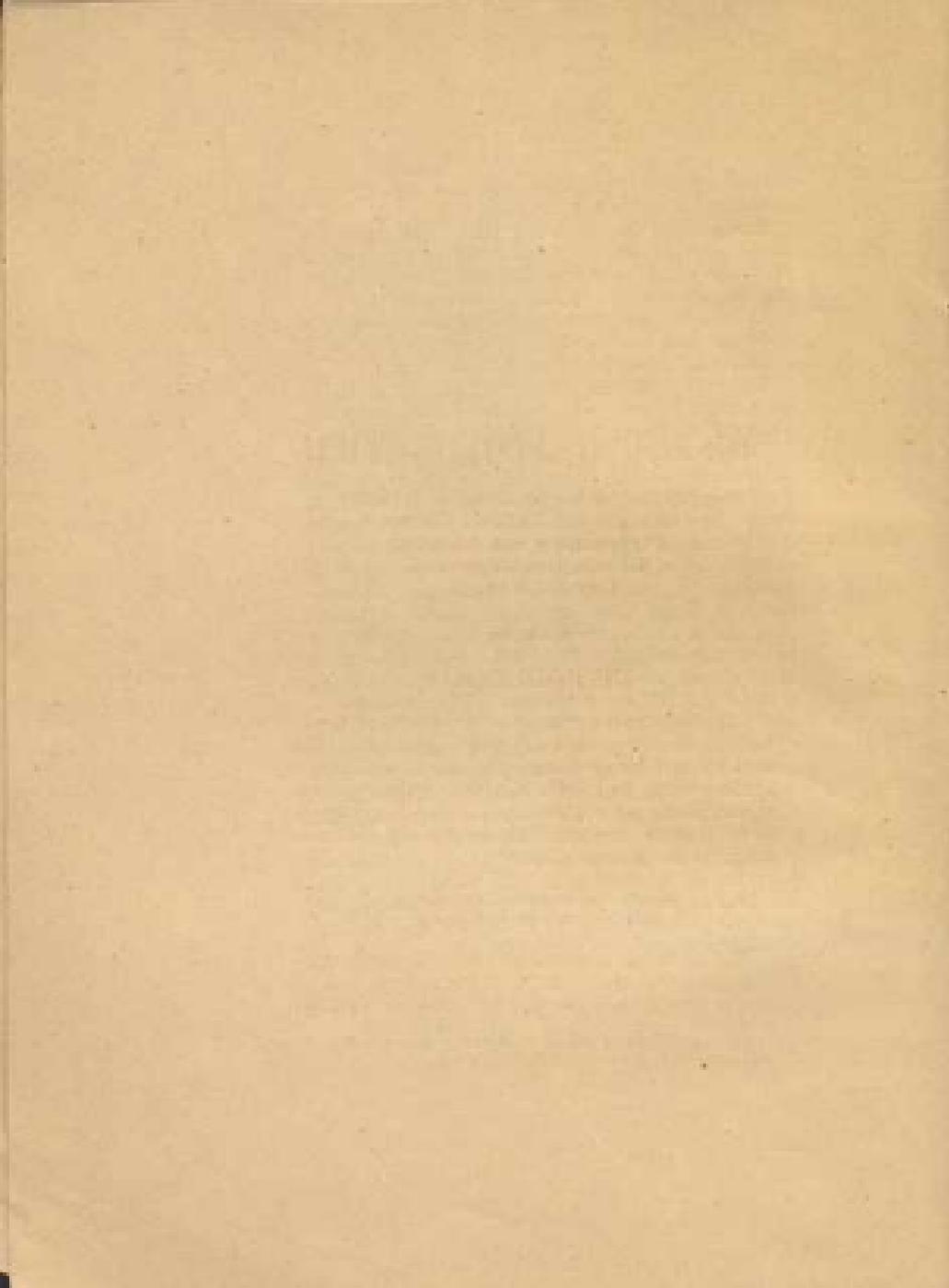
«Escreveo por sua letra alguns centenares de volumes; mas tudo isto eram copias de codices e de documentos; mas que copias, meu Deos! Eu tenho tido occasião de conferir grande numero d'ellas com os originaes, e cada vez mais me persuado que o bom antiquario era a pessoa mais ignorante de paleographia, chronologia, diplomatica e da lingua portugueza que nasceu no seculo passado. As suas copias, 'numa palavra, são uma enfiada de sandices e de ineptias desde a primeira até á ultima letra. E o peor é que elle sumio um grande numero de originaes, e lhe substituiu essas suas desgraçadas copias!»

Vê-se, pois, á maior evidencia, que a copia do discurso impresso no Porto, é como se não existira, tão grande é na impressão o numero de erros, que na *Introducção* se eleva a vinte e quatro, e no Discurso a duzentos setenta e cinco!

Julgo, pois, prestar ainda um serviço ás letras portuguezas reproduzindo pela estampa o trabalho de João Franco Barreto, conforme ao original, em obsequio ao nome de Camões e aos de seus colleccionadores.

Evora.

A. F. Barata.



DISCURSO APOLOGETICO

sobre a visão do Indo e Ganges
que o grande Luiz de Camões
representou em o Canto
4.º dos Lusiadas a el
Rey D. Manoel.



INTRODUCCÃO

Promettemos responder ao Juizo (1) critico (assim lhe chama seu auctor) que o Licenciado Manoel Pires d'Almeida, com pouca consideração fez sobre a visão do Indo e Ganges, altíssimamente representada em o canto quarto dos Lusiadas do nosso Homero, tão admirado dos estrangeiros quão invejado dos naturaes, que

Tambem com taes obras nos engana
O desejo de um nome avantajado.

Mas se hei de (como devo) fallar verdade, ingenuamente confesso estar pelo haver feito mil vezes arrependido, e isto por tres rasões: a primeira

(1) Aquí ha na impressão do Porto a primeira falta na palavra *critico*, que o Padre Mira não leu.

ra é ver o pouco fruto que de occupação semelhante poderei tirar, pois é documento do grande Catão que não emprehendamos cousa em que não vejamos algum ou esperança certa de nosso trabalho.

Res age quae prosunt, rursus vitare memento
Inquibus error inest, nec spes est certa laboris.

A segunda, estar ao presente occupado com obras de tanto peso, e para minhas forças tão arduas, que, se por me chamarem vario não fôra, as tivera já deixado muitas vezes, *Sed revocare pe-
dem pudeat jam strinximus ense*
porque como diz o nosso poeta :

«... . . . é fraquesa
«Desistir-se da cousa começada.

A terceira e ultima, haver de dizer contra um amigo meu tão grande, como é o dito Licenciado Manoel Pires de Almeida, que parece é ir contra as leis da verdadeira amizade, joia tão preciosa, que diz Cicero *pro Laelio* se ha de antepor a todas as causas humanas. Mas como quer que a obrigação de cumprir o prometido seja tão poderosa que, como diz o divino Agostinho, *libro de bono*, e Cicero *libro I. officiorum*, «*post quam promittimus necessario reddere debemus*; e a verdade agrade tanto a Deos que nella se deleite, como disse o Santo Apostolo e Martyr Marcial, em a Epistola *ad Tolosanos* cap. 14. *veritate delectatur Dominus Deus noster*, e sua força seja tão grande que contra toda a agudesa, engenho e sagacidade dos homens com muita facilidade por si mesma se defenda, como tem Cicero *pro M. Laelio*; alem de que muitas vezes sem algum trabalho nem ser buscada se manifeste, como consideraram Eschio, Menandro e Euripedes; não será muito nem estranhado que, cortando eu por todas as obrigações, gostos e respeitos me ponha de

sua parte, e mais não me esquecendo aquelle *veritati adhaereto*, com que um dos sete sabios nol-o aconselha; pois, como diz o proverbio, referido por Angelo Policiano, em o Livro 2.^o do primeiro tomo: *Amicus Socrates, amicior veritas, et caetera.* (1)

Pelo que, digo que a opinião do Licenciado Manuel Pires d'Almeida, sobre a referida visão é falsa, aerea e sem algum fundamento, pois lhe attribue, *furto, contradição de tempo, contrariedade no mesmo poeta, confusão em Morpheu, inconveniencia no logar, defeito na pintura*, não havendo nada disto, (como logo provaremos, com muitos logares de diversos auctores, onde a necessidade o pedir, que como lemos *Authen. de trienniali praescrip. Erubescimus dum sine lege loquimur.*) em o logar do nosso poeta. E, para que este discurso possa ser melhor entendido, o dividaremos em cinco capitulos, que, como diz a Glos, no § *ig^rr verb. Fasolon in proaemio instit. Partitio animum legentis incitat, mentem intelligentis praeparat, memoriam artificiose reformat*: os quaes seguirão a mesma ordem das objecções contrarias (2), na maneira seguinte:

FURTO

CAPITULO I

Para ornato de meu discurso e poder afirmar que tem alguma cousa boa não poderei deixar de referir os versos do nosso Poeta, e para que os escrupulosos a cujas mãos chegar possam, voltando a folha, cotejar logo o logar, e são os seguintes:

(1) Deve ser citação de memoria; porque na carta de Nicolau Leonicensis a Policiano, a pag. 5 da edição de Basilea de 1522, se lê: *Amicus Plato...* etc. como geralmente se conhece a maxima.

(2) Esta palavra tambem não foi lida e com ella se contam 24 faltas e erros na Introducção do Discurso impresso.

LXVI

Parece que guardava o claro Céu
A Manoel, e seus merecimentos,
Esta empreza tão ardua, que o moveo
A subidos e illustres movimentos:
Manoel, que a Joanne succedeo
No reino, e nos altivos pensamentos,
Logo como tomou do reino cargo,
Tomou mais a conquista do mar largo.

LXVII

O qual (como do nobre pensamento
Daquella obrigação, que lhe ficára
De seus antepassados, cujo intento
Foi sempre accrescentar a terra chara,
Não deixasse de ser hum só momento
Conquistado :) no tempo que a luz clara
Foge, e as estrellas nitidas que saem,
A repouso convidam quando caem ;

LXVIII

Estando já deitado no aureo leito,
Onde imaginações mais certas são ;
Revolvendo contino no conceito,
De seu officio, e sangue, a obrigação ;
Os olhos lhe occupou o somno acceito,
Sem lhe desoccupar o coração ;
Porque tanto que, lasso, se adormece,
Morpheo em varias formas lhe apparece.

LXIX

Aqui se lhe apresenta que subia
Tão alto que tocava á prima esphera,
Donde diante varios mundos via,
Nações de muita gente estrenha, e fera :

E lá bem junto donde nasce o dia,
Despois que os olhos longos estendera,
Vio de antigos, longinquos, e altos montes,
Nascerem duas claras e altas fontes.

LXX

Aves agrestes, feras, e alimarias,
Pelo monte selvatico habitavam :
Mil arvores sylvestres, e hervas varias,
O passo, e o trato ás gentes atalhavam.
Estas duras montanhas adversarias,
De mais conversação, por si mostravam,
Que des que Adão peccou aos nossos annos,
Não as romperam nunca pés humanos.

LXXI

Das aguas se lhe antolha que sabiam,
Para elle os largos passos inclinando,
Dous homens, que mui velhos pareciam,
De aspeito, inda que agreste, venerando :
Das pontas dos cabellos lhe cahiam
Gottas, que o corpo todo vão banhando ;
A côr da pelle, baça e denegrida ;
A barba hirsuta, intonsa, mas comprida.

LXXII

D'ambos de dous a fronte coroadá,
Ramos não conhecidos, e hervas tinha :
Hum d'elles a presença traz cansada,
Como quem de mais longe alli caminha :
E assi a agua, com impeto alterada,
Parecia que d'outra parte vinha ;
Bem como Alpheo de Arcadia em Syracusa
Vai buscar os abraços de Arethusa.

LXXIII

Este que era o mais grave na pessoa,
Desta arte para o Rei de longe brada :
O' tu, a cujos reinos, e coroa,
Grande parte do mundo está guardada ;
Nós outros, cuja fama tanto voa,
Cuja cerviz bem nunca foi domada,
Te avisâmos que he tempo que ja mandes
A receber de nós tributos grandes.

LXXIV

Eu sou o illustre Ganges, que na terra
Celeste, tenho o berço verdadeiro :
Est'outro he o Indo Rei, que n'esta serra
Que vês, seu nascimento tem primeiro.
Custar-te-hemos com tudo dura guerra ;
Mas insistindo tu, por derradeiro,
Com não vistas victorias, sem receio,
A quantas gentes vês porás o freio.

LXXV

Não disse mais o rio illustre, e santo,
Mas ambos desaparecem n'hum momento :
Acorda Manoel c'hum novo espanto,
E grande alteração de pensamento.
Estendeo nisto Phebo o claro manto,
Pelo escuro Hemispheriô somnolento ;
Veio a manhã no céu pintando as cores
De pudibunda rosa, e roxas flores.

Diz o Licenciado Manoel Pires que a invenção d'este fingimento se deve a Virgilio, no livro outavo da Eneida, e que semelhante imitação é furto. Vejamos agora se concordam n'elle os Auctores a quem tocou tractar semelhante materia. Dos Latinos baste-me referir a Pontano, sobre aquelle logar de Virgilio em o segundo da Eneida:

«Tempus erat quo prima quies, etc.» onde disse: «Capere soleo voluptatem quoties incido in locum aliquem apud Poetas Latinos, quem de Virgilio expressum video, et sentio ad eum amorem, quem jam pridem gessi erga poetam longe maximum, nescio quid accedere. Seneca igitur totum hoc de Hectore per quietem se subjiciente Aeneae, eumque de fuga monente ita est imitatus, etc. Veja os versos do nosso Cordovez *in Troiadibus* quem for curioso, que por muitos os deixo, e no fim d'elles accrescenta o mesmo Pontano: «quin nos quoque imitationi hujus poetae, Virgiliti inquam tot exemplis cum Senecae, tum aliorum incitati studiose damus operam?»

Em verdade, que ainda que eu o tivera peitado, não podera por mim fallar mais claro. Dos Italianos ouçimos a Ludovico Dolce em as exposições do furioso (1) sobre o C. 1.º est. 4.º «Hora fa il Cardinale attento col dire, che esso è per leggere i fatti de Ruggero, dal quale esso hebbe origine» imitando Ovidio nel principio de Fasti ove dice: *saepe tibi pater est saepe legendus avus.* Male sue imitationi si porranno appartatamente nel fine.»

Dos Hespanhoes e mais modernos, diz D. Garcia Coronel sobre aquelles versos das *Soledades* de D. Luiz de Gongora que: *al tenido suelo muestras pidiendo terminos disformes; imitó felicemente a Ovidio en el libro 8.º de sus Met.* E isto baste, que para trazer todos os lugares em que estes e os mais commentadores Latinos, Italianos, Hespanhoes e de outra qualquer lingua, em que usam destes termos de fallar, é mui incapaz o breve campo deste discurso: sirvam de exemplo só os referidos, que são os em que, abrindo o livro acaso demos com os olhos; porque sei muito bem que *verborum adminicula fides veritatis non desiderat*, como se lê Livro 1.º c. *si min. se ab haer ab*

(1) Referencia ao *Orlando Furioso*, de Ariosto.

6 ff. E assim me não cansarei ácerca d'este ponto, que bem sei o não ignora o sr. Licenciado, quanto mais que (deixando a definição dos Jurisconsultos Authen. *sed novo jure Cod. de fur. et serv. corr.*) ladrão, como disse Balsam, Patriarcha (1) Antiocheno, sobre uma Epistola. canon. do Santo Padre Gregorio, Bispo Neocesariense, chamado o Thaumaturgo, é aquelle que toma a cousa alheia contra vontade do seu senhor, sabendo não é d'isso contente: *Fur est, qui rem alienam contrectat praeter domini voluntatem sciens id illi molestum esse.* E atrevo-me a dizer que se no inferno podera haver logar a gloria, a tivera mui grande Virgilio, em ver ou saber que o nosso Poeta estimava tanto suas obras que usava d'ellas na forma que o sr. Licenciado quer, ou os commentadores dizem. Pelo que concludo: que a doutrina do sr. Licenciado é aeria e sem fundamento algum.



Da contradição de tempo na representação do sonho, e contrariedade no poeta.

CAPITULO II

Diz Cicero em a oração *pro M. Fonteio* que os Juizes não só têm obrigação de considerar a sentença, que hão de dar, mas tambem as palavras de que hão de usar. *Recordamini Judices quanto pere laborare soleatis, non modo quid dicatis pro testimonio, sed etiam quibus verbis utamini.* Contra esta doutrina toda, vento solto e o panno dado, correo o Licenciado Manoel Pires d'Almeida por todo seu discurso, té parar nos grandes baixos, que logo lhe mostraremos, claros e patentes,

(1) Diz á margem: verei a poetica de Aristoteles ff. 13. 6. E mais: Porque por mi se não diga: *ainda não celais já cavalgaes.*

se a seus olhos, como a todos mais, estiveram 'tegora occultos; porque alem de se fazer Juiz em causa que tão pouco lhe tocava, não só dá sua sentença contra toda a verdade, mas usa de umas palavras tão livres e soltas contra um Principe dos poetas de Hespanha, tão grande como foi o nosso Camões, cujo nome aquelle sempre feliz Fenix Castelhana pronunciava e ouvia com tanta reverencia, que me envergonho de que amigo meu não só as dissesse mas ainda as escrevesse; porem: *Non sempre gli huomini savii* (como diz Guiccardino livro 1.º) *discernono, o giudicano perfettamenteemente: bisogna che spesso si dimostrino segni della debolezza dell' intelletto humano.*

Uma vez Camões não fez consideração de taes advertências; outra: se Camões por ventura andára visto nestas cousas; outra: como por escarneo e chacota; para mais verisimil sobe Camões a el Rei D. Manoel ao primeiro céo, adonde está a lua, para delle poder ver a India, em que Morpheu lhe representava fallarem-lhe os rios Ganges e Indo; porque a India, (prosegue o senhor Licenciado com seu bom animo) ficava tão distante de Portugal, era necessario a altura de logar para a descobrir, e Camões não diz tal. Outra: se Camões com conveniencia e decoro soubera aproveitar-se, etc. Outra: Digo mais que andou Camões pouco acertado, etc. Outra: Mal satisfez logo Camões com as obrigações de seu officio. Logo mais abaixo: Respondo que Camões devia inventar e abrir caminho, ou só como christão, ou só como gentio, e que em suas invenções não se mostra gentio, porque ignora as regras e não observa os preceitos dos que o foram; nem se manifesta por christão; porque usa de Deidades do Paganismo, etc. E depois de uma e muitas vezes dizer, ora: mal fez nisto, ora: peccou 'naquillo, ora: podera fazer tal, ora podera dizer qual, e outras liberdades semelhantes, remata sua conclusão, dizendo:

«E que ainda que fora licito fazer uma mescla

«destas duas cousas nunca se lhe podia louvar tal
«invenção, por ser falta de verisimil e necessario,
«como teve claramente em subir ao primeiro céu
«a el Rey D. Manoel para d'ali ver a India; care-
«ce de boa imitação pintando os rios andando; não
«tem decoro, nem conveniencia na introducção de
«Morpheu, e contraria-se no tempo em que os
«rios fallaram e desappareceram; furtou a inven-
«ção a Virgilio; não attenta pelas estatuas e pin-
«turas de rios. E assi de nenhuma sorte se pode
«dizer que abriu novo caminho, inventando nova-
«mente cousas com seu engenho, pois se perdeu
«caminhando por via não trilhada de poeta algum.»

Deixando atrás já dito que onde Camões cuidá-
ra que encurtava caminho, rodeava infinito, e on-
de imaginára que com mais facilidade descobria a
India se enganára notavelmente; na terra se per-
dera como estranho, e do céu caíra, como Pha-
tonte: e assi o mais que lhe pareceu; porque, co-
mo diz Plutarcho: *Nihil facilius quam repraehende-
re alium*; mas, com a audacia do crocodilo, se-
gundo o grego adagio. O que quiz aqui trazer
para que veja quem chegar a ler este discurso,
quam justamente contra elle procedo: supposto
que lembrado d'aquella santa doutrina do divino
Paulo 1.^a *ad Thess. 5. videte ne quis malum pro
malo alicui reddat*, não usarei de seu solto dizer;
porque como disse o douto Pythagoras, nem se
ha de usar da espada que não corta, nem da liber-
dade sobeja: *Neque gladio obtuso, neque immode-
rata libertate uti debet*; mas, se de todo nos ca-
larmos,

Ante lupos rapient haedi, vituli ante leones

Porque, como diz o Proverbio: *Amyclae silen-
tio perierunt*. E assi tornando a nosso proposito,
de que me apartou a muita colera, que concebi

das sobreditas palavras, mais amarulentas (1) que as do proprio Archiloco, digo que na representação d'este sonho del Rey D. Manoel desde o primeiro verso até o ultimo não ha alguma contradição de tempo, nem se contraria em nada nosso poeta, como o senhor Licenciado, por não entender melhor os versos, como já succedeo primeiro ao Doutor Manoel Corrêa, e depois d'elles a Manoel de Faria e Sousa, donde nasceu aquella gran batalha, que elle diz em seu commento, sobre o entendimento d'este logar, que vamos declarando, e é o seguinte:

*... no tempo que a luz clara
foge etc.

Veja-se na est. 66 em numero e (2), primeira das que acima referimos, cujo entendimento, sem depender palavras é: No tempo que foge a luz clara, de maneira que se ha de entender que este tempo aqui é o que foge, e não a luz clara, o qual é ao romper da lua; porque, se quando anoitecé dizemos que foge o dia, porque vem entrando a noite, tambem quando amanhece diremos que foge a noite, porque vem entrando o dia. E com esta real e verdadeira explicação, de ninguem mais ategora intendida, corre o sentido do poeta egual, com o que acrescentava a duvida; estendeo nisto Phebo o claro manto. E sendo isto uma cousa tão clara me espanta muito não haver ninguem dado 'nella, nem o faria (3) que para livrar

(1) Tem á margem:

Namque sub Aurora jam dormiente lucerna
tempore quò cerni somnia vera solent.

Ovid. Heroid-Herus Leandro.

(2) O auctor corrige á margem para 67. que é a verdadeira estancia, segunda das citadas.

(3) Manoel de Faria e Sousa.

ao poeta da contradição, o meteo em tantos absurdos. Veja agora o senhor Licenciado a confiança com que outro dia se mete a dar taes sentenças, e não podendo reprimir seu animo, usado a ellas, reprima sequer o melhor e o peor instrumento, de que continuo usamos, tomando o conselho de Cicero *pro Fronteio*, acima referido.

Mas como sua tenção na heroica empreza de seu discurso foi boa, pois diz que o alvo a que nelle tira é acertar com a verdade, supposto estar tão longe della, *quantum Hispanis Veneto dissidet Eridano*, como Proper. etc. lb. 1.^o, não haja quem com o real Propheta brade: *Muta fiant labia dolosa, quae contra justum loquuntur inique*: (1) podem, se neste particular lhe dermos algum desgosto, bem lhe fazemos a vontade em não lhe contradizer o que por tão infallivel assenta ácerca dos sonhos, onde diz que os da prima noite são deastrados e infelices; os da meia noite que não trazem comsigo calamidades totaes, e que os de ante manhã são todos bem assombrados e verdadeiros; porque como esta doutrina não encontra nada ao nosso poeta, como o senhor Licenciado para si tinha, não ha tambem para que eu com exemplos lha contradiga. Que se o poema heroico, como o definem os stoicos, *est divinarum humanarumque rerum imitationem complectens*, tão verisimil é sonharmos bem a prima como a meia noite, e tão mal como então de madrugada; porque, de ordinario se representam de noite na officina da imaginativa aquellas cousas que se trataram de dia. E assi o confessa o Senhor Licenciado com a auctoridade do philosopho, e outras, de que só lhe furto a de Claudiano, posto que não refira os versos, que são os seguintes, *in praefactione cons. 6. Honor.*

(1) A lição da Vulgata é: *Muta fiant labia dolosa, quae loquuntur adversus justum iniquitatem.*

Omnia, quae sensu voluntur vota diurno
Tempore nocturno reddit amica quies. (1)

São tão triviaes que por essa razão me valho d'elles, que para o intento bastava aquillo do Eccles. 5. *Multas curas sequuntur somnia*. Donde Thomaz Mouro, ou, para melhor dizer, o mesmo Claudiano, de quem elle o tomou *in ead. praefat. de. Consul. Hon.*

Venator defessa thoro cum membra reponit,
Mens tamen ad sylvas, et sua lustra redit.

E Petronio Arbitro: *Canis in somnis leporis vestigia latrat.*

E se pode provar com aquelle verso da Sibyla: *Nam Deus ipse dabit per noctem somnia sancta*: considere se o *per noctem* e melhor como S. Job 33, quando disse: *Per somnium in visione nocturna, quando irruit sopor super homines, et dormiunt in lectulo, tunc aperiet aures virorum, et erudiens eos instruit disciplina.*

Porem, não ha para que de presente em al nos cansemos. Mas que os da meia noite não sejam tão penosos nem tragam consigo calamidades totaes é falso, pois temos contra um logar de Virgilio em o 5.º da Eneida, o qual trago adiante para outro intento, onde o Deos do somno, em figura de Phorbante, pae do Troyano Hioneo, que era companheiro de Eneas 'naquella viagem, por enganar melhor a Palinuro lhe appareceo pela meia noite, e os sonhos que lhe trouxe foram tão felices que lhe custaram a vida. Deixo os versos por serem muitos, e se houver quem repare no *ferè* veja a Servio, Ascensio, Landino, Giovani, Fabroni que todos declaram significar meia noite em ponto; comtudo, tambem não ha para que gaste-

(1) O segundo verso completo é: *Pectore sopito...* Vem no 3.º prefacio do 3.º livro do Rapto de Proserpina.

mos tempo, pois para nosso intento basta haver-mos provado que o somno do nosso poeta não foi á bocca da noite, como o senhor Licenciado diz, e primeiro que elle o Doutor Manoel Correa, nem em aquelles tres tempos que Manoel de Faria e Sousa descobrio, se não ao romper da lua, pelo que com muita razão direi com o Poeta Ovidio: *A Canine non magno saepe teuetur aper*; repetindo aquelle tão antigo quão elegante adagio: *Et Mustelis Basiliscus vincitur*. Prosigamos.



Da confusão em Morpheo

CAPITULO III

O Licenciado Manoel Pires de Almeida nos dá tão boas informações deste personagem que se eu quizera accrescentar mais alguma cousa me poderia sair ao encontro com aquelle adagio, que Tarréas refere: *δελφίνα νηγεθια διδασκεις* (1).

Quiz-me desquitar com um grecismo de outro grecismo, supposto que o que traz o senhor Licenciado anda nos Callepinos, e refere o Dr. Manoel Correia em o mesmo commento; e o sentido segundo, posto que não a traducção é: *sed monstras alii, quod sapit ipse prius*. E assi direi somente o que tocar a defensão do nosso Poeta, e digo que a confusão em Morpheo não é sua mas dos ruins leitores; porque Morpheo, 'neste logar, significa o mesmo sonho, como de ordinario entre

(1) Deve ser o adagio: *δελφίνα* etc. Vid. F. Porti Lexicon. . .

Tarréas deve ser *Tarraco Helio*, pseudonymo de Gaspar Barthius, que com elle publicou: *Erotodidasculus*, sive nemo-ralium lib. V. e outros escriptos. Vid. Brunet. *Man. du Libraire*.

os poetas Neptuno, Nereo, Thetys, Oceano e Amphitrite significam o proprio mar.

E, para que o Senhor Licenciado não cuide fallo sem auctoridade, trarei em confirmação do que digo ao Reverendo Frei Balthazar de Victoria em o 2.º tomo, livro 1.º cap. 8. do seu *Theatro de los Dioses*, onde disse; *muchos llamaram al sueño Morphea, assi lo llamó Camões en sus Lusidas Canto 5.º est. 68.*

Porque tanto que Lasso se adormece
Morpheo em varias formas lhe apparece (1)

Até aqui prosegue o dito auctor. E tomando-se, como deve tomar-se, Morpheo em este sentido, todas as objecções do senhor Licenciado ficam nō ar, e assi não ha para que responder ás muitas replicas e treplicas com que accusa e defende (sem o livrar de culpa) a nosso poeta; porque, como dizem os Theologos: *cum res ipsae apparent, superflua est sermonis Prolixitas*, só advertirei de caminho que aquillo que o senhor Licenciado diz de Morpheo, que não pode fazer embaixada sem ser mandado por alguma deidade, e que nem ainda o somno, que é seu pae ou irmão, gosa de tal privilegio, é falso; pois em Virgilio livro 5.º temos um logar, que prometti trazer para outro intento, e é o presente, onde, não Morpheo, mas o proprio somno trouxe a embaixada a Palinuro, que acima referi, e não acho que o Poeta declare, nem seus commentadores deidade alguma que o mandasse nem lho pedisse, e porque será necessario para maior certificação de quem quizer averiguar este negocio trazer todo o dito livro, me remeto a elle; mas o somno é já no

(1) É citação errada: deve ser do Canto IV, bem como os dois versos assim deveram ser escriptos:

Porque tanto que, lasso, se adormece,
Morpheo em varias formas lhe apparece.

cabo delle, pelo que o senhor Licenciado, como no mais, se enganou notavelmente tambem nisto, e se lhe pode applicar o adagio: *Indi noscunt sua rura coloni.*



Da inconveniencia no logar

CAPITULO IIII

Notou agudissimamente D. Garcia de Salzedo Coronel em o prologo do commento ás Soledades de D. Luiz de Gongora que quando Virgilio quer descrever um logar impedido usa de versos confusos e embaraçados, como no livro primeiro da Eneida:

Tres notus ab reptas in saxa talentia torquet,
Saxa vocant Itali mediis quae in fluctibus Aras.

O que muito primeiro observei na traducção deste poeta, que ha muitos annos comecei e agora continuo, dizendo assi:

Em umas rochas onde o mar rebenta,
Cobertas delle então, a que o piloto
Italo chama altares, atormenta
Tres náos horrivelmente o irado Noto.

Bem sei que não foi com a elegância que o logar pedia; mas, a difficuldade dos versos me desculpe. Assi mesmo (prosegue o Coronel) quando quer exprimir um animo perturbado, perturba tambem a ordem das palavras, como mostra quando diz: *Atque animum nunc huc celerem, nunc dividit illuc, in partesque rapit varias*; podendo dizer:

Atque animum celerem nunc huc, nunc dividit illuc, et rapit in partes varias.

A quem sente D. Luiz imitar quando na primeira *Soledade*, descrevendo o adorno das ruas e de uma aldêa, e quam impedidas estavam com as arvores e flores, diz:

« admira cortesano,
Apesar del estambre, y de la seda,
El que tapis frondoso
Texió de verdes hojas la arboleda,
Y los que por las calles espaciosas
Fabrican arcos rosas,
Obliquos nuevos pensiles, jardines,
De tantas como violas jasmínes,

Vou-me dilatando muito sem me ter declarado a que proposito, e assim deixo outros logares do mesmo poeta, que seu commentador refere, em prova do que diz, ácerca da imitação Virgiliana; e não é de negar que a attenção de D. Luiz fosse em tudo mui grande; mas se o senhor Licenciado penetrára o amago e interior da poesia podéra mui bem ser admirára, não calumniára o logar presente do nosso Camões, quando com tanta vantagem disse:

Aquí se lhe apresenta que subia
Tão alto que tocava a prima esphera,
Donde diante varios mundos via,
Nações de muita gente estranha e fera, etc.

onde, para exprimir o animo perturbado del Rey D. Manuel, pela muita variedade de pensamentos que o combatiam, e tanto até na cama inquietavam, usa deste intrincado e confuso modo de falar; posto que tão mal entendido, que ninguem ategora lhe tem dado no emphasi, que é o que digo, e se hão de os versos ler com tal sentido. Aqui donde diante via varios mundos, nações de muita gente estranha e fera, se lhe apresenta que sobia etc. E lá bem junto etc. De maneira que na cama, no aureo leito, onde estava dormindo, se lhe apresentava e afigurava todas aquellas cousas. Porque como quer que as havia de ver por so-

nhos, tanto montava do céu da lua como de sua propria cama, e tão verisimil é uma cousa como outra.

Ainda que o poeta (como diz o faria) fosse de parecer que o Paraiso terrestre está nas partes orientaes, que bem sei o disseram assi muitos, e que alguns o situaram 'num monte tão alto que toca o céu da lua, ou 'nella mesma, como se opina haver dito Beda, bem que esta opinião constantemente refutaram muitos homens doutos, e a explicou doutissimamente Santo Thomaz em a questão cento e duas da primeira parte da *Summa*, sendo assi que o poeta não diz tal; mas que se lhe apresentava a el Rey; hyperbole de que mais licenciosamente usou Dante, quando de si mesmo, em o canto primeiro do *Inferno*, disse:

Tal mi fece la bestia senza pace;
Che venendomi incontro a poco a poco
Mi ripingeva la, dovel sol tace.

E se lhe apresentava não que tocasse ou fosse ao céu da lua pessoalmente; mas por fama e nome se conquistasse a India, como trazia na imaginação, conforme aquillo do Virgiliano Eneas: *fama super aethera notus*, e de quatro mil logares poeticos e historicos com que se podera provar. Mas antes que mais nos remontemos, satisfaçamos ao que o senhor Licenciado diz 'neste logar: note-se que não monta estar el Rey D. Manoel dormindo para lhe ficar poeticamente facil o poder ver tanta distancia, porque nem poeticamente aos que dormem se concede tal cousa; e entendido bastarão uns versos de Lucrecio em o livro 4.º, que dizem:

Denique cum suavi devinxit membra sopore
Somnus: et in summa corpus jacet omne quiete:
Tum vigilare tamén nobis, et membra movere
Nostra videmur, et in noctis caligine caeca
Cernere censemus solem, lum:emque diurnum:

Concluso que loco, cœlum, mare, flumina, montes
(1) Mutare, et campos pedibus transire videmur;
Et sonitus audire, severa silentia noctis
Undique cum constant, et reddere dicta tacentes.
Caetera de genere hoc mirando multa videmus:
Quae violare fidem quasi sensibus omnia quaerunt
Ne quiequam quoniam pars horum maxima fallit
Propter opinatus animi, quos addimus ipsi:
Pro visis ut sint, quae non sunt sensibus visa.

Não pude deixar de trazer esta turba de versos por frisarem tanto com o que vamos provando contra o senhor Licenciado, que quero que, sem andar revolvendo folhas, os vejam aqui os curiosos do nosso poeta, e saberão a razão com que o senhor Licenciado o calumnia; porque contentando-se com o exterior de seus versos os julga pela apparencia, posto que nenhuma mais suave e formosa. Tambem nos diz o senhor Licenciado *sombra a la mayor luz oppuesta en vano* (como disse a outro intento um bom e illustre sugeito de nossa patria), que diminue o poeta o credito á cousa nos verbos *apresenta, antolha, parecia*, com que fica o leitor e ouvinte tão perplexo, que mais se inclina a duvidar que a tel-a por certa, sendo contra o estylo dos poemas, donde colijo que o senhor Licenciado não tem lido muitos, ou pelo menos com a attenção que elles requerem; pois em Virgilio, que devia e deve ser o primeiro, temos o contrario, quando em o segundo da Eneida disse: (2)

*Insomnis ecce ante oculos mæstissimus Hector
Visus adesse mihi etc,*

que eu traduzi:

Quando por sonhos ver e ter diante
De meus olhos a Heitor se me afigura,
Mostrando no tristissimo sembrante
Que os soluços c'oas lagrimas mistura.

(1) Algumas edições dizem *Mutare*.

(2) Aupordeias, Eleg. 29.

E diz Pontano que este verso é tirado de Ennio, do primeiro dos *Annaes*, onde diz o fragmento: *Visus Homeros adesse Poeta*, o qual é de parecer fosse inteiro

Insomnis mihi visus Homerus adesse poeta.

E explicando Servio ao Mantuano affirma que bem dissera *visus*; porque os sonhos sómente se veem, e naturalmente não são verdadeiros, mas parecem verdadeiros a quem dorme. E, por me tirar de escrupulo, construindo João Fabrino ao Poeta diz assi: *Ecce eis Hector*, que Heitor—*maestissimus*, muito triste—*visus adesse mihi*, me pareceo vel-o—*insomnis*, dormindo, *ante oculos*, diante dos olhos.

Tambem Actio Bruto, referido por Pontano, usou d'este modo de fallar, dizendo:

Cum jam quieti corpus nocturno impetu
Dedi, sopore placans artus languidos:
Visus est insomnis pastor ad me appellare.

O mesmo Virgilio no livro 8:

Huic Deus ipse loci, fluvio Tiberinus ameno,
Populeas inter senior se attollere frondes
Visus.

E me espanto de que havendo o senhor Licenciado visto este logar, pois allega com elle a outro intento, como adiante faço contra elle, não reparasse no *visus*; mas porque os logares referidos são Latinos, e o senhor Licenciado andou muito por Italia lhe quero trazer um par de Dante, que pode ser sejam ou pareçam mais intelligiveis. E' o primeiro do segundo canto do *Paraiso*, e o seguinte: *Parevame che nube ne coprissi lucida spessa, etc.*

O segundo este, do canto ultimo do *Purgatorio*:
Dinanzi ad esse Eufrates e Tigri veder mi parue

uscir de una fontana; (1) e para os que não entendem esta nem aquella lingua vá outro na castelhana, de D. Alonso de Ercilla, canto 1.º, referido no commento de faria:

Me parecia estar cerca del cœlo

Passou-me pelo sentido referir acima outro exemplo, que por ser de um grão poeta, ainda que vá fora de seu logar, o hei de trazer, que tal é:

«... eadem ista mihi modo visa loquentis
Effigies, somnus lassos dum serpit in artus, etc.

Petrus Angelius Bargeus *Syriados*, livro 1.º. Assi que não sinto em que o nosso poeta se apartasse do estylo commum, dos mais famosos que antes ou depois d'elle floreceram. Tambem nos diz o senhor Licenciado que quando os poetas latinos, italianos e hespanhoes usam d'aquelles fingimentos, de que com tanto engano cuidou usára o nosso poeta em subir a El rei D. Manuel ao céo da lua é, ou mostrando visivelmente, ou levando pela mão a pessoa; como fez a Sibyla a Eneas em Virgilio, e Beatriz a Dante em Dante, as quaes acções affirma foram por sonhos.

Mas eu, supposto que muitas vezes e com muita attenção (como tenho de costume) li já estes dois poetas, os tornei a ler novamente e com maior cuidado, e não acho onde elles nem seus commentadores digam tal.

Colligindo com não máo fundamento daqui que o senhor Licenciado é tão affeiçoado ao nosso poeta que até com allegações falsas trabalha por destruir-lhe a grande gloria e fama, que por todo o mundo e para em quanto Deos não vem a julgar os vivos e os mortos, tem adquirido, como

(1) A disposição deve ser esta:

Dinanzi ad esse Eufrates e Tigri
Veder me parue uscir de una fontana.

se fôra tão facil de alcançar. Pelo que, pela grande impossibilidade e difficuldade de sua empresa se lhe pode com muita razão applicar aquelle proverbio dos antigos: *Nubes suspexit Olympus*, posto que, em sua presumpção

Sub pedibus nimbos et rauca tronitrua calcat,

como diz o poeta Claudiano *in consulato Manlii Theodori*.

Mais adiante nos diz o senhor Licenciado que quando succede subir ao alto alguma pessoa, para descobrir terra, de nenhum modo é em tanta distancia, e affirma que assi se vê no Ariosto, que Astolfo e Rogerio caminharam pelo mundo no Ipogrifo, cavallo voante, vendo quanto lhe ficava em terra, por irem sempre perto della, e em distancia que viam as cousas que havia nella, e que elles conheciam; porque se caminharam em grande altura tambem tinham necessidade de que lhe apontasse com o dedo as cousas; porque de outro modo seria esteril de verisimil, como é o ver el Rey D. Manuel a India do céu da lua (que lá cuidou o arrojava nosso poeta.) Verdadeiramente que quando isto li estive perto de perder a paciencia; porque, conforme o que o senhor Licenciado diz, deve de imaginar que não ha mais livro de Ariosto que o seu, para assi lhe ficar facil o meter-nos em cabeça suas fabulas e ficções, como aos meninos a das tres cidras do amor, salvo se o Ariosto do senhor Licenciado é algum manuscripto unico e orphão, porque o meu que tenho impresso, e outros mais que em mãos de alguns amigos e minhas tenho visto dizem assi no canto 4.^o est. 6.^a

Volando tal'or s'alza ne le stelle,

E o Anguilara no argumento:

Il qual su l'Hippogrifo ascende tanto
Che piu de lui non si discerne il vero.

Quem sabe a distancia (por ser mathematico ou haver lido alguns livros desta profissão) que ha do primeiro céu da lua ao outavo, onde estão as estrellas, poderá julgar quem iria mais alto, El Rey D. Manoel (sendo que assim o dissesse o poeta) subindo áquelle, ou Rogeiro subindo a este: e diz o senhor Licenciado que nunca se apartára muito da terra; mas, como disse Pamphilo:

Est meus nostra suis contraria saepe loquelis.



Do defeito na pintura

CAPITULO V

Os defeitos que o senhor Licenciado acha na pintura dos rios Indo e Ganges em o nosso poeta são: carecerem de urna, ou quarta, como elle diz, não terem cornos, representarem-se em ruim postura e faltar-lhes o vestido, claro indício e evidente argumento de que o senhor Licenciado penetra pouco a doutrina de tão levantados versos, pois nestes defeitos que nos elle diz consiste o emphasi todo e toda a galanteria; mas antes que lho dê a conhecer lhe quero advertir que não é obrigação do poeta, todas as vezes que descreve algum rio fazer logo menção de urnas, cornos e tudo o mais que o senhor Licenciado nos diz, pois Virgilio em o livro 8, em a visão do Tibre a Eneas, que o nosso poeta com tanta vantagem imitou, se não lembrou d'elles nem d'ellas, quando disse:

*Huic Deus ipse loci, fluvio Tyberinus ameno
Populeas inter senior se attollere frondes
Visus. Eum tenuis glauco velabat amictu
Carbasus, et crines umbrosa tegebat arundo.
Tum sic affari, etc.*

E havendo fallado:

Dixit; deinde lacu fluvius secondidit alto,
Ima petens. Nox Aeneam somnusque reliquit, etc.

Estimára eu agora muito que o senhor Licenciado me dissesse onde estão aqui as urnas e os cornos que diz, ou me declarasse a causa por que o poeta os callou, já que seus commentadores o não dizem, ao menos Cerda, Pontano, Servio, Ascencio, Donato, Probo, Domicio, Landino, Mancinello, Coelio, Rhodiginio, Joanes Scoppa, Jacobo Constancio, Francisco Campano, Jacobo Crucias, Fabrino e alguns outros, que todos li com grande attenção, e não acho que tal digam. Porem o nosso poeta com muito acerto se houve, como em tudo mais 'nesta pintura do Indo e Ganges, a que não deu urna por mostrar que seu nascimento era occulto, que assi o diz Plinio lb. 6 cap. 18 e Solino: *quorum Gangem quidam fontibus incertis nasci et Nili modo exundare perhibent* (1). O que de ambos consta na Escripura Sagrada, Genesis; cap. 2.^o, pois o sagrado chronista Moysés lhes dá seu nascimento no Paraiso terrestre: e estando este hoje occulto a todos os humanos, razão era que tambem o estivesse em os berços ou urnas dos rios que n'elle nascem; assi que com providencia os deixou nosso poeta em silencio. Quanto aos cornos é um vocabulo tão feio em nosso Idioma que não sei como será a ninguem possivel fallar nelles sem escandalizar as orelhas dos ouvintes; mas comtudo isso tem o senhor Licenciado muita razão em dizer que os rios se hão de pintar com elles; alem das que em seu discurso nos aponta se podem ver algumas que a este proposito nos diz D. Garcia Coronel em o commento das *Soledades* ff. 54. p. 2. Eu o confesso e digo que se os outros rios se devem pin-

(1) Chercher du Nil La Fontaine, francez, diz o manuscrito, á margem.

tar assi, com muita mais razão o Ganges e o Indo, por se acharem nelles sós todos los quisitos (1) que os auctores dão para isso; e ao Ganges me lembra haver chamado Cornigero Apolinar, em um panegyrico, dizendo:

Corniger inde novi Ganges it pompa triumphi.

Porem andou nosso poeta nesta parte tão primoroso que, sem faltar a este preceito, cumpriu inteiramente com os de verdadeiro cortezão, a quem com muita razão podemos applicar o que lá disse Cicero dos oradores Atticos, que sendo a força deste poeta ignota, era sua gloria bem conhecida, pois (como disse Fabio Paulino de Virgilio) dizendo tódos que não houve maior poeta que Camões, são muito poucos os que entendem sua força e doutrina. E que um d'estes fosse tambem o senhor Licenciado me peza muito, pela grande opinião que, ha uns dias, tinha de seus estudos; mas será força, em razão de nossos argumentos, que eu lhe manifeste a que tenho de assi o dizer, para o que necessariamente hei de repetir os versos de nosso poeta, que deram materia ao defeito que o senhor Licenciado, sem razão, lhe põe, e são os seguintes:

De ambos de dous a fronte coroada
Ramos não conhecidos e ervas tinha,

cujo sentido, por encurtarmos palavras, é este: De ambos, é a saber o Indo e o Ganges, de quem o poeta vae fallando; a fronte coroada de dois, não disse quê, em respeito do vocabulo ser, como digo, tão feio e dissonoro (2) e que assi se hajam de entender estes versos não é questão de duvida, porque quando dizem a fronte coroada, não se pode entender d'aquelles ramos e ervas, mas

(1) O original tem, com uma emenda, *ex quisitos*.

(2) E' a figura Aposiopese, diz em nota o manuscrito.

coroada já tinha estes e coroada dos dois, que por modestia não declarou, e de outro modo não corre a oração; pelo que:

Ludere qui nescit campestribus abstineat armis.

Diz mais o senhor Licenciado que a postura em que a antiguidade deixou escripta a dos rios não foi em pé, nem caminhando, mas recostados e levantando meio corpo fora d'agua, e que o nosso poeta o não soubera assi fazer, sem considerar que os pinta fallando com um rei, e rei de quem no tempo futuro haviam ser vassallos, e era cousa indecente e sem decoro que á sua presença estivessem assentados, ou recostados, se não em pé: tal foi em tudo a attenção do nosso poeta; e que o levantarmonos a alguém denote reverencia não é questão de duvida, pois té os rusticos o praticam, e disso nos faz menção Juvenal, quando em a satyra 13.^o disse: (1)

Credevant hoc grande nefas, et morte piamdum,
Si juvenis vetulo non assurrexerat etc.

Mas em Virgilio temos um logar mui celebre a nosso intento, em o 2.^o das Georgicas, onde o poeta, para mostrar a excellencia dos vinhos Amineos (que alguns latinos disseram ser os Falernos, tão celebrados de Horacio, e de que Silio disse em o 7 «... *gravidae cui nectare vites, nulli dant praeliis nomen praeferre Falernis*, (2) e Plinio faz tanta menção livro 14. cap. 6.) diz que o Tmolo, monte de Lydia, e o Phaneo, monte de Chio, em que se dão famosos vinhos, lhes fazem reverencia alevantando-se:

(1) Diz á margem: verei as guerras persianas fl. 196.

(2) Devia ter escripto assim:

«... *gravidae cui nectare vites*
Nulli dant praeliis nomen praeferre Falernis.

Sunt etiam Amineae vites firmissima vina
Tmolus et assurgit quibus, et rex ipse Phaneus.

Diz o Mantuano, e Servio, commentando-os: *Ut autem assurgit sedit sic: tractum est a sedentibus qui in honorem alicujus, assurgere consueverunt: e Ascencio: assurget id est cedit, et reverentiam facit*, accrescentando que a maravilha está naquella *Rex*; porque de grande dignidade são aquelles a quem el Rey se levanta e faz reverencia. (1)

Assi tambem o nosso poeta, querendo significar a muita auctoridade del Rey D. Manoel faz que os rios Indo e Ganges, a quem os antigos como geralmente a todos, attribuiram Deidades, havendo de lhe fallar, lhe fallem em pé, para maior reverencia, que, como disse um grande engenho, tambem os rios sabem ser cortezes: na fabula do rio das maçãs.

Não os pintou com bordão, porque não os faz tão velhos como o senhor Licenciado quer, mas somente diz que o pareciam; alem de que os velhos de bom tempo, de ordinario são verdes, como estes podiam ser, e os taes não só não quem bordão mas que lhe não fallem nelle; porém, como em nosso poeta tudo são certos e mysterios, creio que assi quereria mostrarnos a salubridade do ar d'aquellas partes do Ganges, pois sendo aquelles hcmens, digamos assi, tão velhos estavam ainda com todas suas forças, e tão verdes que escusavam arrimo; pois como o nosso poeta disse 'numa copla

Lá junta da clara fonte
Do Ganges os moradores
Vivem do cheiro das flores
Que nascem 'naquelle monte.

Mas isto não é cousa em que o senhor Licen-

(1) Fluvii quoque divinis quondam honoribus culti sunt habuerunque simulachra: quidam humana facie quidam bubula. Theatro. Philos. Ravis, lb. 1.º cap. 10.

ciado repare muito, e com muita razão, e assi passarei avante, onde o senhor Licenciado nos diz que nos não diz Camões se estes seus rios appareceram nus, ou vestidos, tendo obrigação de nolo dizer, e que se se disser que os descreve nus, cantando;

Gotas que o corpo todo vão banhando

responde que fez mal, assi por razão do decoro, como por o uso dos antigos.

Primeiramente o nosso poeta nunca perdeu o decoro em nenhuma occasião que o pedisse, como se vê em o canto segundo, quando

C'um delgado sendal as partes cobre,
De quem vergonha é natural reparo.

Assi Ariosto c. 10 est. 19

Ch'ancor che belle sian vergogna eliu de.

Donde Frederico Dedekindo, no seu *Grobiano*:
quas natura tegi partes mandavit, etc. (1)

Mas, em deixar o nosso poeta aos ouvintes duvidosos e perplexos ácerca dos vestidos, ou nudez de seus rios, foi para mostrar a variedade de habito das partes orientaes, das quaes diz Solino em o cap. 65: *Alii lineis, alii lanis peplis vestiuntur, pars nudi*.

E Pomponio Mella, de quem elle o usurpou, lb. 3.: *cultorum habitus, moresque dissimiles. Lino alii vestiuntur, aut lanis quas diximus alii ferarum aviumque pellibus; pars nudi agunt*: o que quiz significar com aquella incerteza, supposto que quando os pintára nus não era ignorar as estatuas e pinturas dos antigos, como o senhor Licenciado diz, que, como andou por Italia, nos refere algumas, que Deos sabe como são; porque Lucio Fauno em o livro que fez das Antiguidades de Roma,

(1) Poeta allemão, morto em 1598. Escreveu: *Grobianus de morum simplicitate libri, tres*.

em o livro segundo, capitulo 7, fallando de muitas estatuas, que estiveram já e estão no Campidoglio diz assi: *Davanti al portico si veggano duo simulacri di fiumi grandi marmorei, igunde di pari forma, che, come alcuni vogliono, sono del Nilo, e del fiume Tigre, perche, etc.*

E nu pintaram a Glauco; Deos marinho, como se tira da historia de Paterculo. E está verdadeiramente tão ajustada a pintura d'estes dois rios do nosso poeta, com o que todos os historiadores dizem d'aquellas nações, que claramente mostra seu muito estudo e lição varia. A perplexidade do trage, os corpos agigantados, que isso quiz significar nos largos passos; a pelle baça e denegrida; a barba hirsuta e cabello comprido, tudo tem sua graça e seu emfasi. Do trage acabei agora de fallar: dos corpos agigantados, Solino em o logar, diz assi: *quidam populi adeo proceri ut elephantos velut equos facilima insultatione transilient*. E Plinio em o cap. 2.^o do l. 7. *Multos ibi* ⁽¹⁾ *quina cubita constat longitudine excedere*. E Arriano in 5. *Omnes ferme Asiatici prae grandibus membris sunt, in quibus multi quinque cubitorum, vel paulo minus magnitudine* ⁽²⁾.

Da pelle baça e denegrida, Pomponio Mella lb. 3.: *Oras tenent ab Indo ad Gangem Palibotri: a Gange ad Solida Nysij, ubi magis, quam ubi habitetur exestuat, atrae gentes, et quodam modo Aethiopes*. E o mesmo Solino; *ubi supra: Indo flumini proximantes versa ad meridiem plaga ultra alios torrentur calore. Denique vim syderis prodit hominum color*.

E Strabo: *Indos meridionales colore Aethiopibus*.

Da barba hirsuta, intonsa e cabello comprido, Diodoro Siculo no 4.^o *Indorum moris est per*

(1) In India.

(2) A' margem: Que como disse o proverbio castelhano: *aquella ave es mala*, etc. Veja-se nos proverbios do commentador grego.

omnem vitam barbam nutrire. O mesmo Solino: *Indis omnibus promissa caesaries.* E Martiano no 6.º: *Omnes Indi comarum fuce decorantur.* Melhor a nosso intento Quinto Curcio lb. 8. *Gestorum Alexandri*, fallando dos Indios maritimos: *Prominent ungues nunquam recisi: comae hirsutae et intonse sunt.*

Pelo que com muita razão podemos dizer do nosso poeta o que Seneca de Canio Julio: *Vir in primis magnus.* Mas ninguem at'agora tem reparado em que a visão deste sonho não só é imitação de Virgilio em o 8., como fica dito, mas de Valerio Maximo, titulo *de somniis*, onde fallando em o de Cassio Parmense diz assi: *Apud Actium M. Antonii fractis operibus Cassius Parmensis qui partes ejus secutus fuerat. Athenas confugit: ubi concubia nocte cum sollicitudinibus et curis, mente sopita, in lectulo jaceret et ex estimavit ad se venire hominem ingentis magnitudinis coloris nigri, squalidi barba et capillo demisso, etc.*

Tambem nos diz o senhor Licenciado (e isso ainda que saia de proposito) por ter a penna na mão, que não andou bem Camões em dizer que a agua do Ganges vinha com impeto alterada, porque com o tal modo se perde a conveniencia do decoro, e disse bem que ainda que saisse de proposito, por que assi lhe succedeo, pois não attentou que quando o Ganges fallou a el Rey estava já desviado de seu rio, e assi lhe podia muito bem fallar, não bradando, como diz o poeta, mas muito brandamente, sem que o impeto das aguas lhe fizesse algum impedimento. E que os rios ou suas Deidades, segundo a ficção dos antigos possam sair de suas fontes, contra o senhor Licenciado o manifesta Dante em o C. ultimo do *Purgatorio*, nos seguintes versos, já acima a outro intento referidos:

Dinanzi ad esse Eufrates e Tigri
Veder me parve uscir de una fontana.

Pelo que o senhor Licenciado, com signaes evidentes nos mostra claro em seu discurso o veneno de seu peito, contra aquelle que é todo incremento de sua patria, a qual não tanto havemos de amar por grande quanto por nossa. *Nemo patriam quia magna est, amat, sed quia sua.* l. qui habebat ff. d. legatis 3., e o mesmo digo de nosso poeta. E o galante é que para nos pôr primeiro o mel pelo beijo nos quer persuadir que seu intento é apurar verdades, sem ver nem considerar que o contrario nos diz o titulo de seu discurso, que é de critico, e criticos se chamam os severos e superciliosos Juizes das obras alheias, como diz João Camerte, sobre aquelle logar do Thebano Cebes: *alii peripatetici, alii critici.* etc., e assi o chama Horacio. E por essa razão D. Luiz de Gongora em a fabula de Piramo e Tysbe, copla 37.: *Calificarle sus pasas Alfuer de Aurora propuso. Los criticos me perdonem si dixere con Pigustos: Nihil enim (falle por mi o eruditissimo Quintiliano) pejus estis qui paulum aliqua ultra primas literas progressi, falsam sibi scientiae persuasionem induerunt. Nam et cedere praecipendi peritis indignantur et velut jure quodam potestatis, quo fere omnium genus intumescit imperiosi at que interim saevientes stultitiam suam perdocent.*

E d'este genero de homens ha hoje grão fertilidade. Mas bem se lhes pode applicar aquelle elegante e frequente adagio: *Latrantem canem nunquam praedam capere.* E como não pretendem mais que ostentarem-se sabios segundo disse o Satyrico: *praeclaro nomine tantum,* tambem lhe convem aquelle outro grego, que em Latim soa: *Pomum Herculis,* tal foi aquelle Didimo grego, que escreveu seis livros contra o eloquentissimo Cicero, taes Aristarcho e Zoilo contra a fonte de todas as sciencias, Homero; e o Senhor Licenciado, não sendo nada inferior a estes foi equal aquelle certo Patro, que escarnecia das Eclogas do

singular Mantuano, a Carbilio, ⁽¹⁾ que contra elle escreveu a *Eneidomastige*; a Herenio, que lhe imputou mil vícios; a Faustino e a Batillo que lhe accumularam mil furtos; a Anneo Cornuto, que, com razões frivolas, o reprehendeo na descripção do concubito de Venus, e Vulcano; a Probo, que disse transferira mal a Dido o que Homero dissera de Nausica com Diana caçadora; a Viprânio, que o chamava *repertorem novae cacozeliae*, i. e. *male affectationis*, e dizia que compozera sua obra de vocabulos communs nem inchada nem humilde, e, finalmente, a todos os passados, presentes e vindouros; porque nenhum jámais se alargou tanto de palavras, nem creio poderá alargar, sendo assi que o que é imitação atribue a furto, o que é concordancia a contradicção, o que é claresa á confusão, o que é artificio a inconveniencia e o que é perfeição a defeito.

Porém, baste-me já haver-lhe mostrado como não entendo a doutrina do nosso poeta, pois o somno del Rey não foi á prima noite, como cuidou, senão de madrugada, como fica provado, e que quando o fôra tambem então se podiam dar sonhos bons e santos.

Baste-me haver-lhe mostrado como até o Deos Somno pode vir trazer embaixada sem ser mandado de outra Deidade alguma (fallo poeticamente) como fica provado.

Baste-me haver-lhe mostrado que Morpheo, neste logar em que fallamos do poeta não se ha de tomar por nenhum filho ou ministro do somno, se não pelo proprio sonho, como fica provado. Baste-me haver-lhe mostrado que el Rey D. Manoel não subio ao céu da lua, como elle imaginava, mas sonhando em sua propria cama estava vendo aquellas cousas que a visão lhe representa, como fica provado. Baste-me haver-lhe mostrado como aquelles verbos *apresenta, antolha, parecia*

(1) Carbilio Pistor, que escreveu a *Aeneidomastigis*.

não diminuem o credito á cousa, mas lhe accrescentam o mysterio, como fica provado. Baste-me haver-lhe mostrado que Virgilio nos não faz menção de que fôsse por sonhos a viagem que Eneas fez com a Sybila ao Inferno, nem Dante se lembrou de tal em a que fez com Beatriz ao Paraiso, como fica provado.

Baste-me haver-lhe mostrado que Astolfo e Rugerio não caminharam no Ipogrifo perto de terra, se não muito mais alto que el Rey D. Manoel, dado caso que assim fôra o que o senhor Licenciado nos diz, como fica provado.

Basta-me haver-lhe mostrado, finalmente, o chiste que tem aquelle não fazer menção de urnas, o decoro com que pintou os cornos dos rios, a decencia d'aquelle fallar em pé, o deixar em silencio seus vestidos, e que tudo em nosso poeta são acertos e altos mysterios da poesia. (1)

Outras muitas cousas diz o senhor Licenciado em seu discurso, a que podera responder se ao presente, como no principio digo, não estivera tão occupado; *mas alguma hora*, Deos querendo, o faremos mais de espaço, assi a estas objecções, que com logares falsos o senhor Licenciado quiz auctorisar, como a outras que *elle* tem feitas a nosso poeta, dado ao mundo por Deos, pois tantos *seculos antes de* seu nascimento nol-o prophetizou a Sybila como um beneficio o considerou, de que em tudo se dê graças ao Senhor de tudo, *como as dou e para termo* de meu discurso recitarei aquellas palavras de Salomão: *Sunt omnia verba oris mei cum justitia, nihil in eis pravum quid perversum* (2) e ao que o contrario sentir di-

(1) E' o ultimo: o Padre Mira leu *poetica*, e assim se contam 275 erros em tão breve trabalho.

(2) E' o versiculo 8.º do cap. VIII dos Proverbios de Salomão, cuja verdadeira lição é: *Justi sunt omnes sermones mei, non est in eis pravum quid, neque perversum.*

rei por ultimo com Sirach: si est intellectus responde; sin minus, cohibito manu os tuum. (1)

Faciebat Conimbricæ
anno 1639

(1) As letras em grifo do ultimo periodo são as restauradas no manuscrito rasgado e perdido pela acção do tempo.



NOTA

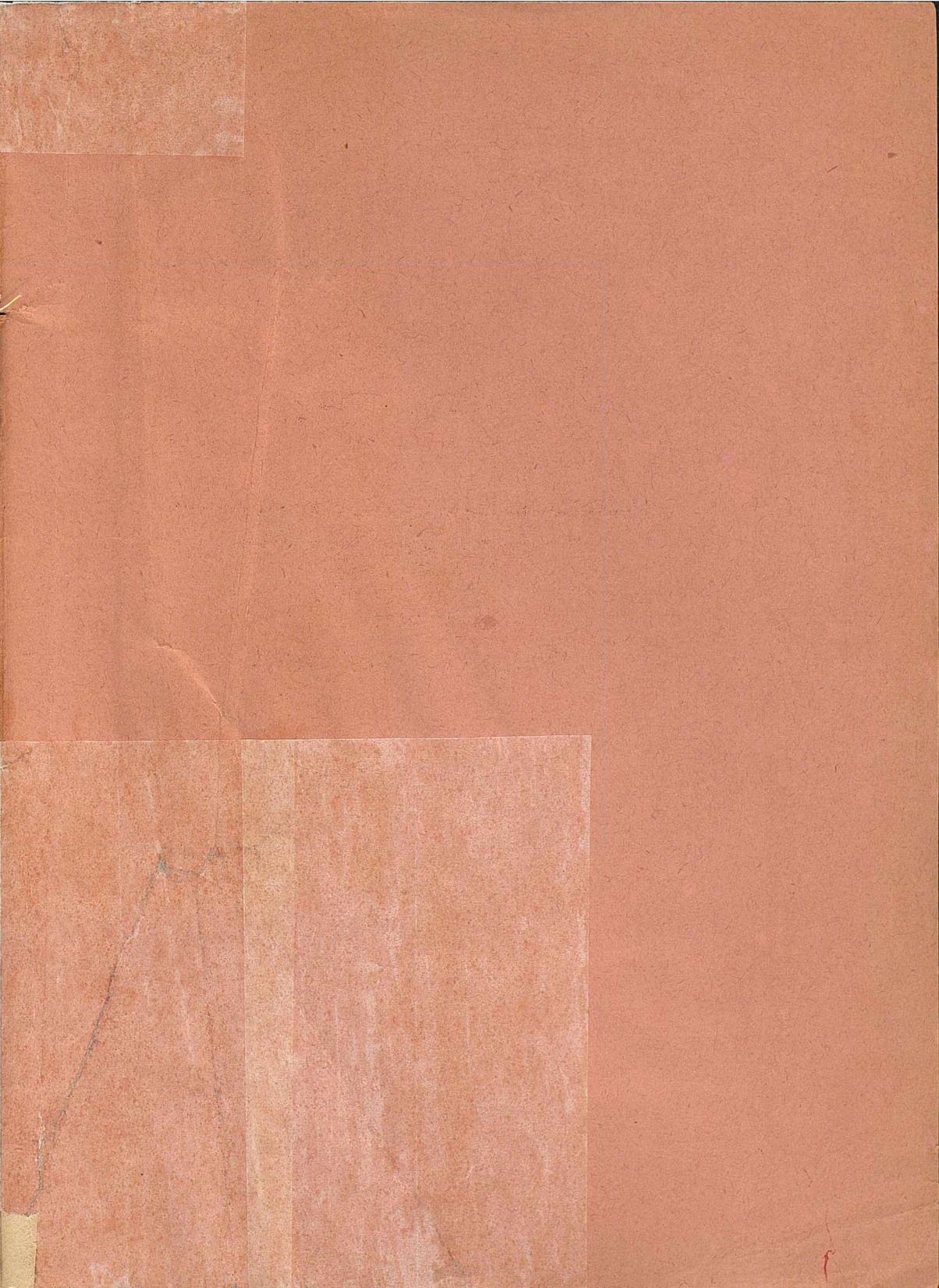


Cabe aqui uma commemoração das sessões litterarias havidas na Bibliotheca d'Evora, para a restauração do manuscripto, e um agradecimento aos Excellentissimos Senhores Jacintho Ignacio de Brito Rebello, hoje reformado em general de brigada, paleographo distinctissimo, a quem as letras ficam devendo o mais importante d'esta lição; João Eloy Nunes Cardoso, engenheiro militar, filho de outro, que foi medico e amigo de Castilho e de Garrett, e, como elles, consummado litterato, e, por fim, o Reverendo Senhor Arcebispo de Evora, Dr. D. Augusto Eduardo Nunes, que poude com suas muitas luzes biblicas determinar a genuina passagem dos *Proverbios de Salomão*, truncada na citação de Franco Barreto.

A. F. Barata.

Acabou de se imprimir este opusculo
em Evora, na officina de F. da C.
Bravo, em que se imprime o *Di-
ario d'Evora*, tresentos setenta
e quatro annos depois que
nesta cidade funcionou
o invento de Gutem-
berg, andando o mez
de abril. M.VIII.C.XC.V.
a n n o s .







Vende-se em Lisboa na Livraria Ferreira,
rua do Ouro, com outras obras
de A. F. Barata.



PREÇO — 300 RÉIS

